

A visão dos educadores do Ensino Fundamental sobre sua formação inicial acerca da gestão escolar

Autor: Lecir Jacinto Barbacovi, Maria da Assunção Calderano y Flávio Dornelas de Oliveira.

Institución: Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. (UFJF)

Palabras clave: gestão escolar - formação inicial - qualificação escolar

Neste trabalho abordamos a visão apresentada pelos educadores que atuam em instituições escolares mineiras do ensino fundamental a respeito de sua formação inicial e da contribuição desta na preparação para a gestão escolar. Temos por base empírica, os dados produzidos na pesquisa intitulada “A Formação, o Trabalho dos Docentes que atuam no Ensino Fundamental e a Avaliação Sistêmica das Escolas Mineiras: um estudo comparado” (CALDERANO (coord.), 2009). Essa investigação interinstitucional foi realizada a partir de um survey aplicado a 230 professores que atuam em escolas públicas localizadas na região metropolitana de Belo Horizonte e nas cidades de Juiz de Fora, Viçosa, São João del’Rei e Ouro Preto. Entendemos que o foco na Gestão escolar se justifica por ser uma atividade pedagógica que pressupõe atenção às condições internas relacionadas ao currículo, à estrutura organizacional da escola, à política local, ao ambiente escolar, às relações com os pais, entre outras dimensões que compõem o universo escolar. Buscamos, no conceito de “intelectual Orgânico” de Gramsci, elementos que permitem aprofundar a análise a respeito do papel do professor e do gestor escolar enquanto agentes diretamente envolvidos na formação cultural e moral dos indivíduos com os quais se relacionam. Identificamos que, quando estas questões centrais que envolvem a gestão escolar são contempladas, de modo orgânico, na formação inicial, há maiores chances de serem registradas positivamente pelo profissional da educação, havendo maior possibilidade de que esses egressos consigam contribuir para a ampliação do processo de qualificação escolar, atuando nele de forma democrática, planejada, sistemática e permanente.

OS MURAIIS DAS ESCOLAS: EXPRESSÃO DE UMA PRÁTICA INFORMATIVA E FORMATIVA?

Introdução

Pretende-se nesse trabalho analisar e discutir a utilização do espaço de comunicação no ambiente escolar como recurso de informação e formação tanto para alunos, professores como para a comunidade em geral. A partir de uma literatura no campo da formação docente entrelaçada com teóricos que refletem sobre a modernidade e a globalização, tais como Giddens e Castells, percebe-se a importância de não se desvincular o micro cotidiano com a realidade macro, entendendo-as como facetas de um mesmo mundo social. Entretanto, observa-se a dificuldade de se estabelecer tais relações quando a concepção educacional se restringe a questões burocráticas ou locais.

Muitas vezes a organização de um mural, por exemplo, é visto como algo corriqueiro e sem maior importância, derivando daí uma desvalorização do espaço, embora seus efeitos vão além das informações ali expressas – revelam, de certa forma a concepção de escola e a visão acerca dos sujeitos que ali se encontram.

As reflexões que aqui são apresentadas têm como base empírica a pesquisa *“A Formação, o Trabalho dos docentes que atuam no Ensino Fundamental e a Avaliação Sistêmica das Escolas Mineiras: um estudo comparado”*, realizada por diversas Instituições do Ensino Superior sediadas em MG/BR. Essa pesquisa foi coordenada por Calderano (2009) e congregou Instituições do Ensino Superior sediadas em Minas Gerais, a saber – Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade do Estado de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Ouro Preto, Universidade Federal de São Del Rei e Universidade Federal de Viçosa.

O objetivo principal dessa pesquisa foi buscar as possíveis relações entre os três campos - formação, trabalho docente e avaliação sistêmica – de forma a entender melhor o perfil do egresso das instituições parceiras que atuaram nessa pesquisa, mas também a avaliação apresentada por eles acerca da própria formação. Buscou-se também identificar se e como a formação interfere no trabalho cotidiano e como vêm os fatores que interferem nesse campo.

A pesquisa se desenvolveu através de um survey que fora aplicado a 230 professores de escolas da rede pública situadas nas cidades sede das instituições citadas. O instrumento foi auto aplicado, pelos professores da escola básica – sujeitos do estudo – na presença de pesquisadores e auxiliares de pesquisa, quase sempre em dupla no momento de tal aplicação. A visita foi marcada previamente por telefone

de modo que os objetivos da pesquisa fossem também previamente conhecidos pelos professores – respondentes. Enquanto se esperava o momento da aplicação do instrumento, no espaço escolar, conversas informais surgiam entre os auxiliares de pesquisadores e professores e as condições gerais de funcionamento e de estrutura da escola quase sempre faziam parte do diálogo. Observações diretas relativas ao espaço físico e clima organizacional também faziam parte da atitude da equipe que auxiliava na busca e levantamento de informações necessárias ao estudo. o diário de campo constitui-se um forte aliado nesse processo, à medida que a memória era aguçada, revelando a cada novo encontro na mesma escola ou em outro espaço a possibilidade de traçar análises do ocorrido para além dos dados previamente identificados como centrais na pesquisa.

O mural, por exemplo, não foi algo identificado previamente como ponto estratégico de observação, no entanto ele se fez presente e ao conversar sobre ele, após as visitas nas escolas. Nessas conversas, ele foi atingindo uma das zonas centrais à medida que ele revelava mais que notícias pontuais de interesse geral, ele indica que interesses eram esses que moviam a escola e que concepção de escola se fazia notar a partir dos murais. Importa notar que as impressões obtidas e refletidas a partir dos murais são impressões. Elas nutrem processos futuros de análises mais sistematizadas. No entanto, apesar de exploratório, esse estudo sobre os murais trouxe a possibilidade de algumas reflexões acerca do funcionamento da escola que apontam o surgimento de algumas questões relativas a seu uso e significado atribuído pelas escolas não só a esse espaço físico, mas também ao espaço simbólico? relativo à movimentação – busca e disponibilização – de informações. A quem interessa informar o que? A quem? De que forma? Por que?

Embora a pesquisa tenha percorrido centenas de escolas, as observações e reflexões que se seguem se circunscrevem à cidade de Juiz de Fora, posto que as orientações e acompanhamento do trabalho de campo foram mais sistematizadas. Disso decorre que o foco dessa análise se restringe a algumas escolas e não à sua totalidade.

A partir dessa pesquisa, e tendo por base a observação feita em algumas escolas situadas na cidade sede da instituição proponente do estudo, pode-se constatar a precariedade com que vêm sendo utilizados os murais nas escolas públicas, como veículo de informação e formação. Através da observação direta, notas de campo e um survey – aplicado aos professores que atuam no ensino fundamental – , identificou-se que, apesar de existirem meios e instrumentos de informação e comunicação nas escolas observadas, ainda é grande o problema nesse campo. A partir dos desafios encontrados, hipóteses são traçadas para novos estudos. Sabe-se

que dependendo da concepção de educação presente nas escolas, os instrumentos de informação por elas utilizados poderão criar efeitos perversos no próprio espaço institucional. Uma informação limitada e mal trabalhada poderá atuar a favor da exclusão (social e digital), dificultando a construção do conhecimento crítico individual e social.

Vivemos numa era globalizada, da qual o desenvolvimento de novas tecnologias na esfera da comunicação impulsiona, de forma vertiginosa, a dinamicidade das informações para todo o globo terrestre. Partindo dessa premissa, entende-se que globalizar é a ação de interligar e informar, de forma universal e diversa, indivíduos, etnias, classes sociais, culturas e comunidades diferentes entre si, de forma que sua atualização constante e quase instantânea venha a tornar-se sua fonte de legitimação (GIDDENS, 2005, pp. 59-80).

Jornal, rádio, telefone, televisão e, principalmente, a internet são os meios mais conhecidos e utilizados para a transmissão de informações nesta era globalizada. O volume informacional veiculado por esses meios é de tamanha diversidade que acaba englobando, praticamente, todas as formas de expressão humana – religião, educação, esporte, política, música, sexualidade etc.. Giddens (2006) considera que,

Num mundo em processo de globalização, em que a transmissão de imagens através de todo o globo terrestre se tornou rotineira, estamos todos em contato regular com outros que pensam de maneira diferente, que vivem de maneira diferente (GIDDENS, 2006, p.18).

O mundo contemporâneo, que, segundo Manuel Castells, vive sob uma nova forma de organização social, baseada num sistema de redes integradas via internet, exige que seus indivíduos estejam atualizados e informados, cada vez mais, sobre o que acontece no mundo, por exemplo, em relação à economia e política mundiais. Viver numa *sociedade em rede* é estar conectado às “novas tecnologias da informação [...] integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade” (CASTELLS, 1999, p.57). Entretanto, esse novo “informacionalismo” é paradoxal: ao mesmo tempo em que atua como força centrípeta para aqueles que dele fazem parte, atua também como agente excludente daqueles que dele estão fora. Noutras palavras,

Raymond Barglow, [...] aponta o fato paradoxal de que, embora aumentem a capacidade humana de organização e

interação, ao mesmo tempo os sistemas de informação e formação de redes subvertem o conceito ocidental tradicional de um sujeito separado, independente: 'A mudança histórica das tecnologias mecânicas para as tecnologias da informação ajuda a subverter as noções de soberania e auto-suficiência que serviam de âncora à ideologia da identidade individual [...] (CASTELLS, 1999, p.58

Viver nesse mundo que evolui e se transforma para todos, mas que somente surte bons resultados para alguns é estar dentro de uma lógica competitiva por bens escassos. Fazendo parte de um processo que englobe indivíduos ao nível mundial, parece envolver um processo que possibilite à globalização legitimar-se: a informação. Desta forma, não pensamos que a informação deve ser tratada como um bem escasso na sociedade, apesar de seu contrário nos parecer óbvio. Ela é um bem que possibilita a comunicação, é um recurso que capacita o indivíduo, portanto é um elemento de formação.

Foi com este olhar, isto é, com este referencial que, durante a pesquisa de campo, observamos e ouvimos o relato das condições do processo informacional que permeiam algumas escolas públicas de Juiz de Fora (MG). Focamos, em nossas observações, os espaços utilizados para se trabalharem a prática da leitura dos alunos e a exposição de informações nos murais para a comunidade escolar em geral.

Focando as *dificuldades*¹

É importante conhecer um pouco mais as condições de vida dos estudantes e da escola que freqüentam para que seu desempenho não seja considerado como atributo apenas individual, sem influência do contexto que os cerca, ou mesmo como produto somente da escola ou das escolas onde estudam. (MEC, 2003, p. 3)

Nas escolas de Juiz de Fora (MG) analisadas por nossa pesquisa, em sua grande maioria, não encontramos instrumentos materiais de comunicação adequados

¹ Bourdieu (1997), em *A Miséria do Mundo*, destaca esse conceito como se referindo a um problema em questão enfrentado pela escola, seja por: violência; estrutura escolar; recursos pedagógicos, ou seja, questões inerentes à administração e condição escolar; como também “dificuldades” enfrentadas pelos alunos dessa escola (baixo capital cultural e exclusão escolar), pela comunidade escolar (baixo *status* profissional e, conseqüentemente, baixo capital econômico) etc.

para se trabalhar, ou possibilitar, a busca por (novas) informações tanto por parte dos alunos, quanto pela comunidade escolar.

Entendendo a leitura como um instrumento primordial de acesso ao conteúdo informacional, nada estranho é de se pensar que a instituição escolar deva proporcionar aos diversos seguimentos que dela fazem parte, os *instrumentos* necessários e adequados para que, principalmente, seus alunos possam desenvolver o hábito de uma leitura transparente e crítica.

No entanto, trabalhando com o conceito de *estágio de construção de conhecimento*², a pesquisa “*Qualidade da Educação: uma nova leitura do desempenho dos estudantes da 4ª série do ensino fundamental*”³, realizada pelo MEC, mostrou que, para a região sudeste, 91,8% dos alunos da 4ª série (quinto ano) se encontram entre os níveis *muito crítico*, *crítico* e *intermediário* – apenas 8,2% entre *adequado* e *avançado* em Língua Portuguesa (MEC, 2003, p. 11).

Percentual de alunos da 4ª série do ensino fundamental por estágio de construção de competências em Língua Portuguesa - Brasil e Regiões - 2001

		Regiões					
		Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Estágios	Muito Crítico	22,2%	22,6%	33,4%	15,8%	13,5%	20,5%
	Crítico	36,8%	44,9%	41,8%	30,8%	35,7%	39,2%
	Intermediário	36,2%	31,0%	22,9%	45,2%	45,8%	36,6%
	Adequado	4,4%	1,4%	1,8%	7,4%	4,8%	3,3%
	Avançado	,4%	,1%	,1%	,8%	,3%	,4%

Fonte: MEC (2003).

Com a análise desta tabela, percebemos que existe um grande déficit de desempenho de competências adequadas em língua portuguesa para este nível de ensino em todo o Brasil.

Observamos também que, a mesma pesquisa, mostra que apenas 19,5% das escolas públicas do Brasil, com turmas entre 1ª a 4ª série (ou 2ª ao 5ª ano), possuem bibliotecas. Este dado nos chamou atenção, pois entendemos que a biblioteca é a alma de uma Escola. Isto é, este é um espaço onde todas as formas de

² A análise dos resultados de proficiência extraídos dos testes aplicados no Saeb 2001 foi a base para a construção de cinco categorias de desempenho: muito crítico, crítico, intermediário, adequado e avançado (MEC, 2003, p. 7-8).

³ Os dados dessa pesquisa foram obtidos com base no Senso Escolar 2002, como ressalta o autor.

conhecimentos já sistematizados e disponibilizados podem ser revividos, reanimados e receber um novo significado atribuído pelos alunos e demais membros da escola.

O relato e análise que segue, objetiva tornar visível o quanto a biblioteca pode significar em termos de elevação do índice de aprendizagem dos alunos.

As Bibliotecas

“Não trabalho com livros didáticos porque não tem para todos”

(Docente A1 da Escola A)

Este foi o depoimento de uma professora que leciona numa escola da periferia de Juiz de Fora, zona oeste da cidade.

Antes de aprofundar no detalhamento das condições em que se encontram as bibliotecas, vale ratificar que nosso acesso às escolas foi de forma heterogênea. Isto é, em algumas tivemos a total liberdade de conhecer suas estruturas e também suas dificuldades, em outras, nos limitaram à secretaria (externa, na maior parte das escolas). Em nossa pesquisa de campo, desde o primeiro contato com a escola do lado externo quanto no momento de nossa aplicação do questionário, procuramos observar, e apenas observar, dentre outros aspectos, a disponibilidade e distribuição dos instrumentos pelos quais a escola se utiliza para interagir o aluno com a comunidade e esta com a escola.

Se antes da invenção da imprensa, em 1454, os livros eram laboriosamente copiados a mão, sendo, portanto, escassos e caros (GIDDENS, 2005), hoje, no entanto, eles existem em grande volume e estão à disposição de todos. A política tributária brasileira falha, e muito, não reduzindo as taxas de tributação em cima produção literária e, portanto, desestimulando uma grande maioria da população de ter acesso aos livros. O incentivo à leitura enquanto a ação de estreitar os laços entre o aluno e a leitura, depende das condições materiais e culturais dos pais ou responsáveis e da escola. Foi veiculada, no final do ano de 2009, a notícia de que o Governo brasileiro estuda a possibilidade da criação de mais um imposto sobre a comercialização de livros. O objetivo da nova tributação é implementar um fundo que financie e incentive o hábito da leitura da população brasileira. Conhecido como Fundo Pró-Leitura, a idéia seria a de arrecadar das editoras 1% do seu faturamento anual para que, com uma estimativa de R\$ 60 milhões, fossem financiadas atividades como

montagem de bibliotecas e formação de professores e bibliotecários⁴. A preocupação do setor econômico com essa notícia não é inerente ao presente estudo, mas o tal Fundo até pode representar um futuro promissor ao desenvolvimento da leitura no país. Todavia, como estamos vendo, também precisamos de soluções a curto prazo, que prezem pela criação e melhoria de nossas bibliotecas escolares e que incentivem a comercialização de livros para a população em geral.

Em sua grande maioria, as bibliotecas das escolas observadas encontram-se descaracterizadas. Nas oportunidades que tivemos para aplicar os questionários em salas tidas como bibliotecas, observamos, antes, salas multifuncionais. Ainda que pequenas, elas acoplam num mesmo espaço: biblioteca; sala de professores; espaço para materiais dos mais diversos, como ventiladores e televisão; e, ainda, depósito para materiais esportivos. Mais se parecem com pequenos almoxarifados.

Nessas pequenas salas, como também em outras que se encontravam exclusivas para a biblioteca, a variedade e o volume de livros, jornais e revistas não são os quantitativos e qualitativos ideais para se descrever este espaço. A minoria das escolas apresentou uma biblioteca exclusiva e apta para receber e atender à demanda dos alunos matriculados.

No entanto, as respostas dos docentes ao

O survey elaborado pela pesquisa interinstitucional, tendo à frente o grupo de Pesquisa “Formação de Professores e Política Educacional” (FORPE), contemplou uma série de questões relacionadas às dimensões específicas. Entre elas, mais especificamente a questão de número 31 – perguntava sobre a utilização dos recursos pedagógicos nas escolas. Ao analisar as respostas obtidas, identificamos uma possível relação entre a péssima estrutura das bibliotecas das escolas e a não utilização dos livros, salvo para os casos em que os livros não atendem à demanda escolar. Identificamos que 93,5% dos docentes responderam que utilizavam livros de literatura.

Não foi intenção da pesquisa detalhar a quantidade de livros nem a frequência com que esses são utilizados. No entanto, a grandeza desse número pode indicar, se não um uso contínuo e intenso, a compreensão, por parte do professor, da importância desse recurso como ferramenta no processo ensino aprendizagem.

⁴ [AUTOR DESCONHECIDO] (2009) “Governo estuda novo imposto sobre livros” (online). Estadão.com.br. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,governo-estuda-novo-imposto-sobre-livros,422872.0.htm>. Acesso em: 08 dezembro 2009.

Sobre a utilização de livro de literatura pelo entrevistado (q31.7)

		Frequência	Percentual	Percentual Válido
Valid	Não uso porque a escola não tem, mas acho necessário	2	3,2	3,2
	Não uso por outras razões	2	3,2	3,2
	Sim, uso	58	93,5	93,5
	Total	62	100,0	100,0

Fonte: A formação, o trabalho dos docentes que atuam no Ensino Fundamental e a avaliação sistêmica das escolas mineiras: um estudo comparado. Calderano (coord.), 2009.

Esse percentual cresce ainda mais quando se focalizam os livros didáticos. Observamos que 95,2% dos professores disseram trabalhar com livros didáticos. Da mesma forma que no item anterior, não foi objeto de estudo da pesquisa, decifrar como é processo de escolha do livro didático, tampouco os critérios para sua utilização na escola ou se os professores participam ou não desse processo. Não é intenção aqui também discorrer sobre a problemática que envolve o uso ou não dos livros didáticos, considerando a padronização e a diversidade cultural. O destaque aqui se faz na ótica da disponibilização de recursos na escola e sua utilização pelos professores.

Sobre a utilização de livros didáticos pelo entrevistado (q31.8)

		Frequência	Percentual	Percentual Válido
Valid	Não uso porque não acho necessário	1	1,6	1,6
	Não uso por outras razões	2	3,2	3,2
	Sim, uso	59	95,2	95,2
	Total	62	100,0	100,0

Fonte: A formação, o trabalho dos docentes que atuam no Ensino Fundamental e a avaliação sistêmica das escolas mineiras: um estudo comparado. Calderano (coord.), 2009.

A utilização maciça do livro didático pode ser um indicador da ausência de uma biblioteca bem equipada e adequada – o que foi observado através das visitas ao espaço dedicado a elas ou a indicação, pelos professores de que esse espaço não

existia. A precariedade de tal espaço vivo de informações acaba induzindo ao uso quase exclusivo do livro didático como recurso utilizado pelo professor no exercício de trabalho pedagógico. O não contato com outras fontes sistematizadas do conhecimento, tanto por parte dos professores como pelos alunos, sugere uma limitação significativa em relação às possibilidades de ampliação das habilidades e competências tanto da leitura quanto do pensar criativo. Ter acesso à biblioteca possibilita ao aluno e ao professor ampliar as fontes de visões e inspirações para interpretar o mundo em sua volta e agir criticamente sobre ele.

Os Murais

Outra fonte de formação e informação são os murais das escolas. Estes podem ser transformados em fontes de conhecimentos. Para tanto, precisam ser utilizados com criatividade e dinamicidade. Os murais compõem ou fazem parte dos ambientes Escolares e também universitários.

Lendo o artigo de Regina Coeli⁵, *“Imagens e narrativas nos/dos murais: dialogando com os sujeitos da escola”*, percebemos o quanto nossas observações tinham ficado limitadas por não salientar os murais expostos dentro das salas de aula, mesmo quando tivemos contato direto com essas salas.

Às vezes, nos prendemos tanto em discorrer sobre as dificuldades enfrentadas pelas escolas que nos esquecemos de destacar pontos em que a dedicação e a vontade dos atores envolvidos ficam, ali, registradas como um marco da criação humana, pura e simplesmente desenvolvidos pelo contato direto entre eles. Acredito que fomos levados a descrever os pontos “negativos” das escolas por nos sentirmos tão próximos àquelas circunstâncias que, fatalmente, delineiam os aspectos marcantes de nossas escolas, principalmente as das periferias da cidade de Juiz de Fora (MG)⁶.

Os murais das salas de aula, aqueles dedicadamente trabalhados pelas crianças e seus professores, criando e alargando conhecimentos e experiências, registram um dos pontos positivos que ratificam a capacidade dos seres humanos de se sobressaírem perante as mais diversas dificuldades.

Correndo o risco de exagerar na observação, mas 90% as escolas pelas quais passamos continham diversos cartazes que se espalhavam pelas salas de aula, cartazes esses que expunham trabalhos escolares e/ou atividades pedagógicas. O

⁵ Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

⁶ Ver texto anteriormente apresentado nessa coletânea de autoria de RIBEIRO, Simone et al. (2009) Nos bastidores da pesquisa – cenas de escolas.

mais importante é entendermos que sendo trabalhos ou atividades são, antes, fontes de informação, pelas quais tanto o aluno, quanto qualquer outra pessoa consegue entender que ali há um esforço de comunicação, um tipo de código pronto para ser decifrado.

Em diversas escolas ficavam em exposição, não somente dentro das salas, mas também nos corredores, trabalhos escolares. Muitas das vezes, ao passar para analisar seus conteúdos, algumas informações se estampavam: tratavam-se de trabalhos feitos por crianças, de idades entre 7 a 11 anos; a noção de espaço e de cores não eram bem apurados ou não mantinham uma simetria; não seguiam padrões estéticos, porém perfilavam um mesmo roteiro; quando tinham desenhos, eram sempre alegres e muito coloridos etc. É fato que o objetivo dos murais e cartazes é o de informar o seu conteúdo, de modo que seu leitor (ou apreciador) faça uso ou não de sua informação.

Entretanto, essa não foi a única imagem que tivemos dos murais. É verdade que, praticamente, todas as escolas observadas possuem murais, mas levando-se em conta que essas escolas também atendem a um público diverso, o conteúdo de seus murais parece não atender à demanda por informações que extrapolem as questões internas da escola.

Se bem pensarmos, a escola mantém um fluxo constante de pessoas dos mais diferentes vínculos com ela. São: gestores; professores; funcionários; alunos, estes das mais diferentes idades; e comunidade em geral. Nesse sentido, é fundamental que as informações, inerentes à escola, estejam de fácil acesso a quem demande por elas. Chamamos a atenção para os murais informativos que expressam comunicados do tipo de utilidade pública, sobre projetos ou ações desenvolvidos pela escola, cronogramas de atividades etc, ou seja, a variedade informacional é abrangente, assim como é a demanda por ela. As escolas observadas não primam por utilizar do mural para veicular informação tanto do funcionamento organizacional da escola quanto de questões que se referem às políticas públicas educacionais locais quanto das demais áreas da vida social e econômica.

Em algumas dessas escolas, os murais concentram-se nas salas de professores, sendo restrito apenas aos professores o conteúdo informacional veiculado. Noutras, os murais até que estão espalhados por quase toda a escola, mas a informação, apesar de importante, era limitada – algumas escolas espalhavam boletins informativos sobre a coleta seletiva de lixo, no entanto não aproveitavam o restante do mural com outras informações tão importantes quanto esta.

Para reforçar o argumento quanto ao caráter informativo dos murais de nossas escolas, buscamos a entrevista realizada por Regina Coeli (2007), que

registrou a opinião de uma professora de uma escola do Rio de Janeiro sobre a construção e importância dos murais nas escolas. Quando perguntada se os murais de sua escola estavam cumprindo sua função, a professora respondeu com o exemplo de um mural realizado por sua escola sobre as Olimpíadas de 2002:

Era tanta imagem, mas tanta imagem que você não via imagem nenhuma, você vê a coisa grande, uma estamparia aquilo ali, então produz um quadro, parece um quadro na parede, mas para o objetivo de um mural sobre as Olimpíadas ele não atende, [...] alegre a paisagem, mas como um objeto de informação? Qual era o objetivo da 4ª série? Eu não sei. A que aquilo se propunha? Eu não sei. Se era isso, enfeitar a escola, 'tava' enfeitada, mas se tinha o objetivo de trazer um assunto, uma reflexão, nada aconteceu, não tinha esse caráter, não havia as informações. [...] uma composição plástica, pra mim, e não propriamente um conceito de mural, [...] aquilo é mais decorativo, menos informativo, como eu vi, como eu li o mural (COELI, 2007, p. 09).

A autora ainda nos apresenta um conceito para entendermos os murais que, em outras palavras, são construções de pensamentos e palavras, registros de vivências e experiências que se interagem para formar uma imagem comunicativa. Nesse sentido, a comunicação via mural pode ser entendida como um processo informativo que promove formação e construção do conhecimento. Ele tem o objetivo de socializar as informações entre os indivíduos que delas necessitam (COELI, 2007).

Pensando no mural e sua relação com a globalização, podemos perceber que seu caráter informativo ratifica sua importância para a escola. A globalização possui aquele caráter informacional que argumentam Giddens e Castells, e que, por sua vez, a interação entre as pessoas acontece de forma cada vez mais dinâmica. Isto tem acontecido graças ao avanço tecnológico na esfera das telecomunicações, dando destaque para as redes de internet e satélites. Mas como o presente estudo (CALDERANO, 2009 (coord.) constatou, muitas das escolas analisadas carecem de instalação tecnológica computacional, e por isso a presença do mural e da biblioteca torna-se tão importante nessa realidade, como instrumentos de informação (e inclusão) e formação de pessoas conscientes e críticas.

Giddens (2006), ao admitir que a interdependência do mundo – consequência da globalização – é um fator importante para o avanço democrático, quer dizer que

não só estreitamos nossa relação com o mundo, mas que, também, avançamos cada vez mais na esfera da democracia. Desta forma, essa idéia nos faz pensar que a informação veiculada nos murais permite aos atores que compõem a escola, juntamente com a comunidade extra escolar, entrar em contato com assuntos que circunscrevam a instituição escolar e com temas que extrapolam os “muros da escola”.

A expansão da democracia via globalização da informação é uma forma de tomar contato com conquistas democráticas, possibilitando às pessoas melhor reflexão na busca por seus direitos. Mas para isso possa acontecer, para esse contato entre concepções democráticas ter efeito, precisamos de informação, e o mural nas escolas é um espaço que está disponível e acessível a todos.

Para que este espaço seja bem aproveitado, é necessário que a escola tenha uma equipe pedagógica competente para buscar informações pertinentes sobre os temas mais urgentes que envolvem a Escola e seu entorno e temas que permitem situar as pessoas e a instituição escolar no mundo globalizado.

Entretanto, quando a informação não é veiculada, vivemos numa espécie de censura informacional, da qual “empacamos” no processo de construção do indivíduo livre e consciente. Castells chama-nos a atenção para a potencialidade excludente desta “revolução informacional” (1999, p.40). Segundo o autor, ao invés de incluir, cada vez mais, exclui os indivíduos que estão nos limiares deste progresso. Em suas palavras, Castells argumenta que

[...] Parece haver uma lógica de excluir os agentes da exclusão, de redefinição dos critérios de valor e significado em um mundo em que há pouco espaço para os não-iniciados em computadores, para os grupos que consomem menos e para os territórios não atualizados com a comunicação. Quando a Rede desliga o Ser, o Ser, individual ou coletivo, constrói seu significado sem a referência instrumental global: o processo de desconexão torna-se recíproco após a recusa, pelos excluídos, da lógica unilateral de dominação estrutural e exclusão social (CASTELLS, 1999, p.60).

Levando em consideração estes aspectos da globalização, a mesma parece uma faca de dois gumes, que ao mesmo tempo que expande a reflexão sobre o avanço democrático, regride a ponto de excluir os que não fazem parte deste contexto. O que queremos dizer é que a informação pode ser um rico instrumento para superar,

pelo menos em parte, o processo de exclusão. Ela pode não significar tudo, mas sua ausência implica na conservação da ignorância do indivíduo, que se vê privado não apenas da informação mas da possibilidade de uma construção crítica de um conhecimento a partir da informação que chega a ele.

Nesse ponto, pensando na escola, o mural pode ser um instrumento eficaz para combater essa marginalização informacional, que encapsula os indivíduos, permitindo que a informação esteja ao alcance de todos. O acesso à informação é o primeiro passo rumo à formação consciente do indivíduo, haja vista a necessidade da preparação crítica do mesmo, devido ao volume e diversidade da informação existente.

Muito se fala do *habitus* do brasileiro de querer buscar sempre por informações mais simplificadas e pragmáticas do que por informações que necessitem um pouco mais de esforço interpretativo e crítico. A literatura da Escola de Frankfurt já chamava a atenção para o encapsulamento do indivíduo perante a sociedade moderna do século XX. Preocupado com os resultados do impacto da disseminação da indústria cultural nas sociedades capitalistas industrializadas, Adorno (1985) entende que o aparato produtor da *cultura de massa* não oferece a seus membros o exercício de um livre arbítrio, submetendo-os à dominação ideológica e à razão técnica sobre o mundo. Contudo, os frankfurtianos acreditavam que o capitalismo rompeu com os limites da economia e penetrou no campo da formação da consciência, convertendo os bens culturais em mercadorias, via meios de comunicação e propagandas.

Entretanto, acreditamos, assim como Castells (1999), que o indivíduo não está fadado a um encapsulamento pelo sistema, e que a informação a favor da crítica legitima esse pressuposto. Com suas palavras, o autor diz acreditar “[...] no poder libertador da identidade sem aceitar a necessidade de sua individualização ou de sua captura pelo fundamentalismo” (CASTELLS, 1999, p.42), e acrescentamos que a disponibilização da informação atua nesse processo de libertação do indivíduo ou de busca de um *ethos* crítico e consciente, pois do contrário, não existindo comunicação, Castells sustenta que

[...] *Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser.*

Nessa condição de esquizofrenia estrutural entre a função e o significado, os padrões de comunicação social ficam sob tensão crescente. E quando a comunicação se rompe, quando já não existe comunicação nem mesmo de forma conflituosa

[...], surge uma alienação entre os grupos sociais e indivíduos que passam a considerar o outro um estranho, finalmente uma ameaça (CASTELLS, 1999, p.41).

Nesse sentido, Castells ressalta que o indivíduo contemporâneo está vivendo uma constante busca por identidade, que se informa e se forma através do que ele é ou acredita ser, mas não em torno do que faz (CASTELLS, 1999, p.41). Essa construção de significados (individuais ou coletivos) teria por finalidade a busca de uma identidade que traga por si só um significado social para o indivíduo nesse mundo tão diversamente expressivo. Castells sustenta que

[...] Por identidade entendo o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais. (CASTELLS, 1999, p.57).

Nesse sentido, para que o indivíduo não se feche, nem se perca nesse emaranhado informacional que se tornou nossas sociedades dos tempos de hoje, acreditamos no poder informativo e formativo dos murais das escolas para a construção de sujeitos com *habitus* de leitura consistente e filtragem informacional crítica, sujeitos estes (alunos e comunidade escolar) que tenham como formação o uso consciente da informação.

Conclusão

Nossas escolhas estão cada vez mais precoces (BOURDIEU, 1997, pp.483-484), mas será que o tempo que passamos nas escolas é suficiente para definirmos nossas aptidões, criar conhecimentos necessários para a vida social e para o mundo do trabalho? Dependendo da concepção e da forma com que a escola trabalha os conteúdos informacionais poderemos inferir sobre o tipo de formação teve os formadores e poderemos também supor que objetivos educacionais perfilam na escola. Necessário se faz defender processos de formação e atuação docente que sejam marcados pela busca contínua de construções críticas dos saberes e dos modos adequados de se fazer a transposição didática.

As reflexões trazidas neste texto demandam por estudos mais aprofundados sobre a história do desenvolvimento das escolas no Município de Juiz de Fora (MG), o contexto sócio-econômico em que elas estão inseridas, bem como sobre aspectos específicos relacionados á formação dos gestores e professores

Embora, reconhecendo o caráter exploratório de tais considerações, julgamos adequado, numa época como esta (globalizada) e num país como o nosso⁷, denunciar as condições atuais do processo informacional, via biblioteca e mural, e anunciar a disposição com que os profissionais – docentes e gestores das escolas públicas se apresentam e apresentam as “informações” no interior desse espaço institucional. Afinal se hoje somos *interdependentes* com o mundo, como sugere Giddens (2005), a escola, enquanto instituição, deve ser o ambiente pelo qual a articulação entre inclusão e informação trabalhe a favor da formação do conhecimento crítico individual e coletivo.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zará, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CALDERANO, Maria da Assunção (coord.). **A formação, o trabalho dos docentes que atuam no Ensino Fundamental e a avaliação sistêmica das escolas mineiras: um estudo comparado**. 2009.

COELI, Regina. **Imagens e narrativas nos/dos murais: dialogando com os sujeitos da escola** (2007). Scielo. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n98/a07v2898.pdf>>. Acesso em: 03 de nov. 2009.

GIDDENS, Anthony. **O Mundo na Era da Globalização**. 6. ed. Lisboa: Editora Presença, 2006.

_____. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MEC. **Qualidade da Educação: uma nova leitura do desempenho dos estudantes da 4ª série do ensino fundamental**. 2003. Disponível em:
<http://www.inep.gov.br/download/saeb/2003/boletim_4serie.pdf>. Acesso em: 25 de out. 2009.

[AUTOR DESCONHECIDO] (2009) “Governo estuda novo imposto sobre livros” (online). Estadão.com.br. Disponível em:

⁷ Refiro-me à pesquisa realizada pelo MEC (2003), já citada durante esse artigo, a qual relata o grande déficit na qualidade da leitura em todo o Brasil.

<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,governo-estuda-novo-imposto-sobre-livros,422872,0.htm>. Acesso em: 08 dez. 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**, vol. 1, Editora Paz e Terra, 1999.